

As poesias licenciosas: interface da escrita feminina surda

The licensivive poetry: interface of the deaf female writing

Márcio Jean Fialho de Sousa¹

Universidade Estadual de Montes Claros

pcopmarciojean@gmail.com

Shirley Vilhalva²

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

shirley.vilhalva@ufms.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar traços da literatura licenciosa feminina a partir da Cultura e Literatura Surda. Este estudo, de natureza bibliográfica, busca evidenciar poesias produzidas e publicadas por mulheres surdas, pelas mãos das escritoras-poetas Ly Neves e Shirley Vilhalva a partir de seu contexto de produção: a comunidade surda; e do seu lugar de fala: mulher surda. A discussão suscitada neste ensaio dialoga com as perspectivas de Jesus Antônio Durigan, acerca do erotismo na literatura (1985), e com Karin Strobel (2018) que afirma ser a literatura surda um recurso com o qual as memórias e as vivências dos surdos ultrapassam as mais diversas gerações. Desse modo, identificar as produções de viés sensual na escrita de mulheres surdas é, de certo modo, possibilitar que essas mulheres, muitas vezes silenciadas, demonstrem sua força e sua cultura que não deixa de dialogar com a temática licenciosa que perpassa a história da literatura mundial, como forma de marcação da identidade na história da Mulher Surda.

Palavras-chave: poesia surda; mulher surda; literatura surda; literatura licenciosa; literatura marginal.

Abstract: This paper aims to present perspectives of female licentious literature from Culture and Deaf Literature. This study, of a bibliographic nature, seeks to show poetry produced and published by deaf women, by the hands of writer-poets Ly Neves and Shirley

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Vilhalva from their production context: the deaf community; and from his place of speech: deaf woman. The discussion raised in this essay dialogues with the perspectives of Jesus Antônio Durigan, about eroticism in literature (1985), and with Karin Strobel (2018) who claims that deaf literature is a resource with which the deaf's memories and experiences surpass those more diverse generations. In this way, to identify the production of sensual bias in the writing of deaf women is, in a way, to enable these women, often silenced, to demonstrate their strength and their culture that does not fail to dialogue with the licentious theme that permeates the history of literature worldwide, as a way of marking identity in the history of Deaf Women.

Keywords: deaf poetry; deaf women; licensed literature.

Introdução

“O erotismo não imita a sexualidade, ‘é sua metáfora’.”
Jesus Antônio Durigan (1985, p. 08).

O papel da mulher na história sempre teve um lugar bastante particular, com funções pré-determinadas socialmente, diante de um sistema patriarcal que perdura há séculos. No que tange à mulher surda, a constatação do silenciamento ainda passa a ser muito maior, visto que raros são os estudos que abordam, particularmente, esta personagem social e seus desafios de viver em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Nem mesmo os discursos literários garantiram o espaço de voz para essas mulheres. Depois dessa constatação, urge afirmar que o discurso do sujeito surdo tem ganhado espaço progressivamente a partir das produções literárias tradicionais, de modo particular, no do século XX, porém, tem se atualizado continuamente trazendo a esse estudo uma possibilidade de leitura sobre a produção literária surda, com suas marcações linguísticas inerentes ao povo surdo.

A discussão suscitada neste ensaio dialoga com as perspectivas de Jesus Antônio Durigan, acerca do erotismo na literatura (1985), e com Karin Strobel (2018) que afirma ser a literatura surda um recurso com o qual as memórias e as vivências dos surdos ultrapassam as mais diversas gerações. Ainda que esses dois estudos não estejam diretamente relacionados, pelo contrário, o que se lê é exatamente um distanciamento total entre ambas as perspectivas teóricas. O que se busca, no entanto, é aproximar tais pressupostos teóricos, de modo a dirimir as distâncias sociais no que tange a pessoa surda e suas manifestações culturais.

Desse modo, identificar as produções literárias de viés sensual na escrita de mulheres surdas é, de certo modo, possibilitar que essas mulheres, muitas vezes silenciadas, demonstrem sua força e sua cultura que não deixa de dialogar com a temática licenciosa que, por sua vez, perpassa a história da literatura mundial, e que, com a “voz” do povo surdo, torna-se uma forma de marcar a identidade na história da Mulher Surda.

Não é difícil perceber que a literatura licenciosa de escrita feminina revela, por meio de recursos da sensualidade, um discurso de protesto, de busca de empoderamento e de subversão que acabam por se revelar

mecanismos de contrarressão e de desmistificação frente à sensualidade feminina, relegada, pela história, à amamentação, dentro de um contexto social patriarcalista, presente em muitas tradições culturais ainda no mundo contemporâneo. Concorda com essa assertiva, Angélica Soares (2000) que, segundo afirma, “O grande investimento poético no erotismo pelas mulheres parece [...] ter muito a ver com esse momento de intenso trabalho de conscientização da necessidade de ruptura dos paradigmas repressores.” (SOARES, 2000, p. 120).

Essa literatura, porém, recebe ainda novos significados simbólicos quando a voz feminina vem de um grupo ainda mais cerceado, como no caso da mulher surda.

Nesse sentido, a literatura surda que por si só já denota performances de protesto e resistência, busca o estabelecimento da identidade do sujeito surdo, a propagação apologética da língua de sinais, entre outras tantas lutas tão caras à comunidade surda. A voz de escritoras que produzem integral ou parcialmente textos licenciosos em língua portuguesa e ou em Libras trazem ao debate toda essa carga simbólica de desafios presentes na cultura surda, por meio do corpo e de suas sensações, conforme afirma Jesus Antônio Durigan, “o texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada” (DURIGAN, 1985, p. 07).

Concordando com a descrição apresentada por Durigan, a representação do erótico, porém, se manifesta como meio de afronta aos paradigmas previamente estabelecidos, trazendo a tona o discurso de protesto e tomada de consciência acerca do status social assumido pela voz do locutor. Em se tratando de literatura surda e mais especificamente àquelas manifestadas por meio das línguas de sinais, o corpo torna-se não apenas a representação temática do erotismo apresentado, mas revela-se o próprio instrumento de comunicação entre o sujeito poético e o auditório, este é o caso de muitas representações poéticas de Ly Neves, por exemplo.

Segundo Themis Farias de França Desidério (2020), em sua dissertação de mestrado,

[...] o povo surdo se utiliza do *slam* para narrar em poesias curtas a sua história de lutas e conquistas vivenciadas por séculos, junto ao ouvinte que por tanto tempo o subjugou e que, agora, une forças ao surdo, formando uma comunidade surda que se respeita e luta pelo espaço negado há tantos séculos ao povo minoritário. (DESIDÉRIO, 2020, p. 36).

O *slam*, porém, é apenas uma das formas de expressão utilizada pela comunidade surda para expressar suas reflexões poéticas, e que tem que tido grande aceitação entre os surdos, pois

O *slam* vem com esse poder de retomar o aspecto público: você tem uma ágora, a cidade discutindo, pessoas que têm os mais diversos contextos e origens colocando suas pautas, reivindicando o lugar da mulher, do negro, as pautas LGBTQI. É um movimento que, além de ser na sua forma revolucionário, porque retoma o aspecto coletivo, também é muito

revolucionário nos seus temas, porque está pautando questões que foram silenciadas, apagadas da história durante muito tempo (ROMÃO, 2019, p. 1).

Essas marcas aparecem direta ou indiretamente na poesia de caráter licenciosa feminina a partir de perspectivas diversas. Nesse sentido, a mulher surda que busca ser conhecida como mulher engajada, tende a colocar em xeque os estereótipos da mulher surda que a descreve como a renegada, infantilizada, pouco inteligente e, muitas vezes, vista até como pessoa doente. Em vez disso, apresenta-se como mulher inteligente, atraente, sensual, destemida; cheia de sonhos, desejos e amores.

Thomas Bonnici, discutindo acerca da sensualidade feminina nas artes, afirma que “Agrava-se a deformação da sensualidade quando se trata de pessoas negras, duplamente objetificadas, porque isso envolve o ódio racial numa sociedade classista” (BONNICI, 2007, p. 240). Note-se que Bonnici cita o problema das mulheres negras, ouvintes certamente, que historicamente são subestimadas, o que dizer então sobre as mulheres surdas? E se essa mulher for negra e surda? E mais, e se for surda, negra e homossexual?

Esses questionamentos são importantes na medida em que é necessária a percepção e a compreensão das diversas manifestações literárias, levando o leitor a refletir sobre as mais variadas vozes do texto, levando-o à reflexão e à empatia.

Perspectivas sobre a literatura surda

Vistos os poucos trabalhos na área de literatura que contemplem a análise dos textos que compreendem a literatura surda, urge que se faça uma breve apresentação sobre perspectivas que envolvem a construção desse arcabouço cultural.

A literatura é uma representação coletiva de certo contexto cultural e articula em si afinidades que mobilizam os indivíduos de um mesmo lugar e de um mesmo momento para se chegar a uma comunicação que, por sua vez, não se restringe apenas ao contexto onde foi produzida, mas se apoiada a ela. Nesse sentido, a literatura surda “traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos”, afirma Karin Strobel (2018, p. 68), ou seja, demarca seu espaço e se coloca no mundo apresentando suas especificidades e desafios e, também, denunciando injustiças vivenciadas, vistas a uma cultura majoritariamente ouvinte.

Logo, ainda que a comunidade surda esteja, de certo modo, presente em grupos que se espalham em todo território nacional, e mesmo internacional, de certa maneira, seus textos compartilham dos mesmos desejos, dos mesmos desafios e anseios, pontos que as aproximam e que acabam sendo reverberadas nas produções literárias. Essas marcas imprimem a identidade e a criatividade dos autores, haja vista que o que se registram em seus textos são as experiências subjetivas sobre suas vivências e testemunhos, daí que muitos textos da literatura surda tendam a serem de origens autobiográficas.

Nesse ponto, vale notar, por exemplo, que a denúncia do tratamento que o indivíduo surdo recebe nos sistemas tradicionais de ensino é recorrente e se configura pelos mesmos padrões, como pode ser notado nos textos autoficcionalis a seguir:

[...] minha avó avisou a professora para que ela deixasse eu sentar na primeira cadeira por que eu não ouvia direito, na verdade eu não ouvia nada apenas lia as palavras que as pessoas diziam, lendo os lábios, a expressão do rosto e das mãos fazendo mímica representativa ou indicativa, usando exageradamente a intuição e vivia mais na dúvida do que na certeza.

[...] Se eu sentasse na primeira carteira as coisas ficavam mais difícil, pois sempre em vez de ver a professora por inteira só via a barriga dela [...] *Nem sempre o que os ouvintes acham que é bom para os surdos realmente é...* (Grifo meu. VILHALVA, 2004, p. 21).

Um dia, minha mãe foi informada de que [...] havia uma escola para surdos. Então eu passei a estudar lá [...]. a escola era oralista e o uso de sinais era proibido. Eu não gostava daquele método, que eu já conhecia da escola de Rio Grande. Nós sofriamos por não poder usar sinais e por sermos forçados a oralizar. (ROMEY, 201872-73).

Esse tratamento comum que recebem ou receberam muitas crianças surdas demonstra uma longa tradição que se baseia na falta de formação adequada dos professores que, muitas vezes, ignoram a língua de sinais, revelando também uma falta de empatia desses profissionais mediante ao, supostamente, novo, diferente. Essas experiências traumáticas não são exclusividade da cultura educacional brasileira, essa postura é registrada também em outros países como, por exemplo, em França, conforme apresenta Emmanuelle Laborit:

A mãe diz: “Até aos dois anos foste para um centro de reeducação, situado precisamente por cima dum consultório para doenças venéreas. Isso enfurecia-me. Surdez: seria uma doença vergonhosa? Em seguida pusemos-te no infantário do bairro. Um dia fui buscar-te, a professora estava a contar histórias às crianças para elas aprenderem a falar. Tu estavas a um canto, sozinha, sentada a uma mesa sem prestar a menor atenção, a desenhar. Não parecias muito feliz.” (LABORIT, 2000, p. 25).

A partir das experiências dos autores citados, somos convidados a refletir sobre o quanto a literatura está além das listas apresentadas nos manuais de literatura e quanto esse olhar subjetivo dos fatos carregam a força e as características que ora se unem pela angústia da opressão passiva ora se inovam por uma escrita criativa. Essas vivências revelam, não deixando de ser também uma denúncia, o tipo de tratamento recebido pelas pessoas surdas, não apenas nos sistemas escolares, mas que se espalham em outros setores da sociedade.

Cynthia L. Peters (2002), em seu livro *Deaf American Literature*, traz uma importante reflexão sobre a Literatura Surda Norte-americana, afirma que: “And just as American Writing is both British and

Sendo a escrita de Ly Neves o registro de uma autora surda, com temática erótica e, ainda, homossexual, nota-se em seus textos um rol de subversões e de busca de empoderamento pelo discurso. Desse modo, Neves produz com seus textos os mecanismos de contrarrepressão e protesto.

Além disso, é comum falar sobre a falta de conhecimento dos ouvintes frente à cultura surda, de modo a produzir preconceitos em detrimento do sujeito surdo, como bem apresenta Karin Strobel em sua obra *As imagens do outro sobre a cultura surda* (2018), porém, Ly Neves traz à tona o quanto a própria comunidade surda, muitas vezes, submete-se às limitações impostas a ela, colocando em prática certo servilismo voluntário, tal como o apresentado pela censura recebida aos textos desta poeta.

Ly Neves, professora universitária, pedagoga e escritora surda, escreve poemas e contos eróticos. Tem dois livros publicados pela Publit soluções, *Contos da Ly* e *Fragmentos Boêmios*, ambos de 2016. Junto a isso, publica continuamente poemas em sua página nas redes sociais. Segundo Luiz Cláudio da Costa Carvalho, “Embora explicita corajosamente muitas identidades: afirma-se lésbica, mãe, surda, mas escreve em Português e desafia amarras identitárias [...]. Ly está na margem da margem. Na margem dela. Na dela.” (CARVALHO, 2019, p. 146). Mas isso não é razão suficiente para que ela deixe de produzir sua arte literária, pelo contrário, passa a ser um fator a mais em seu processo de luta e resistência, afinal, como ela mesma afirma, “Ly desobedeceu [sic]”.

Shirley Vilhalva, por seu turno, escritora surda e professora universitária, atua na comunidade surda e na divulgação e no ensino da língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Como escritora, auto define-se como aquela “deseja mostrar uma cultura surda ao escrever, buscando transmitir uma mensagem e (sic) expanda e proponha uma reflexão” (SOUSA, 2020, p. 160).

Vale ressaltar que grande contribuição de Shirley Vilhalva à literatura e a comunidade surda continua sendo com seu livro *Despertar do Silêncio*, publicado em 2004. Nesse livro, Shirley Vilhalva registra sua autobiografia. Voltando, porém, ao tema desse estudo acerca das produções licenciosas, Vilhalva mantém uma produção independente e contínua nesse gênero, carecendo ainda de serem publicados em coletâneas, o que não impede a análise desses textos ricos em sabedoria e vivências.

Partindo para algumas análises, no poema que segue, com sutileza, a poeta Ly Neves apresenta um sujeito que relembra desejos e experiências amorosas:

Aposta

Ly Neves

Joguei tudo ao alto

Para viver contigo

Fazer parte do seu cotidiano

Do convívio

Porque estou deslumbrada, apaixonada

Tô te amando e me declarando
Fascinada
louca por você

Maravilha
Enlouquecida
Não importa
Se serei feliz
Vivo o presente
De te amar

sou a lua que banha
suas paixões
necessidades
(NEVES, 2016, p. 19).

Nesse poema, o eu-lírico feminino apresenta-se como mulher forte, decidida; por uma paixão foi capaz de “jogar tudo para o alto”, arrisca sua vida e sua felicidade de modo inconsequente, pois o que importa a ela é viver o presente “De te amar”, e conclui afirmando ser a lua que banha as paixões e as necessidades do ser amado; é a lua porque é o sonho, o prazer. Essa temática é mais abrangente, porém, no poema que segue:

*Deixar levar*⁴
Ly Neves

Tantas flores beijei
Tantas rosas amei
Pra qualquer uma
Me entreguei
Sempre iludida
Me declarei

Apenas para não ficar sozinha
Estar acompanhada

⁴ Os poemas não passaram por revisão gramatical e ou ortográfica, visto que a língua portuguesa é considerada segunda língua para a comunidade surda, sendo a língua natural a LIBRAS, no Brasil. Desse modo, é comum encontrar inconsistências linguísticas em sua escrita, fato que são traços da identidade cultural surda e, por isso, escolhemos por manter a escrita original. Tudo isso em diálogo com a linguística crítica atual que pode, inclusive, ser constata em reflexões como nas de Knavillil Rajagopalan, no texto "Linguagem e Identidade", presente no livro *Por uma linguística crítica – Linguagem, identidade e a questão ética* (2003).

Mas vou levando
Brincando de amor, sonhando
[...]
(NEVES, 2016, p. 27).

Nesse poema, Ly Neves apresenta um eu-lírico claramente homoafetivo. As rosas e flores que metaforicamente representam a mulher, no poema mostram-se como aquela a quem o sujeito beijou, amou e se entregou, a voz feminina a partir do sexto verso revela ao leitor tratar-se de uma voz homoafetiva. A reflexão a que o leitor é convidado a mergulhar, porém, não é a questão do gênero do eu-lírico, mas o exercício do amor que é visto como um escape, um remédio contra a solidão. O eu-lírico tem consciência de ser “sempre iludida”, mas aceita essa situação ao afirmar “Mas vou levando / Brincando de amor, sonhando”, e por quê? “Apenas para não ficar sozinha”. É uma aceitação consciente, fruto de uma escolha racional, ainda que, porventura, não seja a melhor escolha, mas ainda assim é uma escolha. Outro fato que deve ser refletido é a questão da solidão.

O medo da solidão é um dos grandes medos que assolam a comunidade surda, isso porque, em geral, vindo de famílias ouvintes, não é difícil conhecer relatos de que em família eram deixados de lado, já que muitos não conseguem se comunicar por meio da língua de sinais. Logo, nesse contexto, fazer de tudo para ser aceito deve ser compreendido como sintomático, como bem sinaliza Karin Strobel "Na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, de entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda." (STROBEL, 2018, p. 61), por isso, é comum em família ouvintes, "as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas." (STROBEL, 2018, p. 61).

Também nesse ponto, como afirmara Durigan (1985, p. 07), tem-se as marcas de uma especificidade da escrita da comunidade surda, pontos que aparecem no sentimento, na escrita e no fazer poético. Nesse poema, por exemplo, a escritora exerce um movimento de autoafirmação e de constituição da identidade, a partir da exploração de suas próprias crenças e convicções na busca pela igualdade de gênero, direta ou indiretamente, comprometendo-se com o abalo das estruturas do *status quo* de uma dominação sexista. Conforme afirma Angélica Soares, “O corpo torna-se um nexos peculiar de cultura e escolha e ‘existir o corpo’ o próprio corpo torna-se um modo pessoal de examinar e interpretar normas de gêneros recebidas.” (SOARES, 2000, p. 120).

Shirley Vilhalva, utilizando-se de um eu-lírico mais sutil, dialoga com as angústias e desejos apresentados por Ly Neves, como pode ser lido no poema “Nada Encontrei!!!” para análise:

NADA ENCONTREI !!!
Shirley Vilhalva
Andei em muitas páginas em busca de algo
Que pudesse exprimir emoções de meus sentimentos

E em nenhuma encontrei...
A descrição do sabor de seus lábios que eu conheci.
A destreza de suas mãos deslizando sobre o meu vestido.
O ninhar de seu queixo em meu ombro
Enquanto tentava encaixar meu corpo ao seu.
Nenhuma linha que li
Contava a velocidade de seu sangue correndo em suas veias
Ao sentir acariciado em momentos ditosos.
Não havia também o que se lembrasse dos beijos
Que a distância não permitiu sentir.
Encontrei mágicos dizeres,
Porém nem mesmo assim havia como comparar
A volúpia de nossos momentos
Que entre energias surgiram.
Não encontrei nada
Que dissesse a cor de seus pensamentos
E muito menos a referência dos meus.
Desejos se espalharam
E assim resolvi escrever
Essas singelas palavras e pedir:
"lembre-se de nossos momentos"
(Arquivo SV)

Envolvida em um sentimento de melancolia, o sujeito lírico desse poema cultiva a memória recuperando suas experiências amorosas pelos detalhes: “A descrição do sabor de seus lábios que eu conheci”. Por outro lado, envolvido pela emoção e pelo desejo, o eu-lírico deixa em xeque se o que ele busca é, de fato, uma recordação ou o desejo de alguém imaginário: “Não havia também o que se lembrasse dos beijos / Que a distância não permitiu não sentir. [...] / Não encontrei nada”.

A forma que o eu-lírico encontra para eternizar e / ou até mesmo enxergar seus sentimentos é por meio da escrita: “E assim resolvi escrever”. A escrita exerce, portanto, o papel da manutenção dos desejos, como escape, a saída para que a dor da ausência seja amenizada.

Em “Morena Mulher”, Shirley Vilhalva traz também à tona a presença do eu-lírico homoerótico:

Morena Mulher
Shirley Vilhalva

Sem referir a cor de pele.

Seu jeito rústico de ser.
Entregue toda ao mundo culto e inculto.
Desejos inefáveis espalhados em conquistas fúteis e ilusórias que há satisfação e cada toque leva a loucura imaginária.
Ah! lembrando que suas mãos estavam nos seus joelhos entre o meu vestido na chama da minha atenção.
Buscar você em cada momento, por mais que tento te deixar de lado, só sinto que você me coloca em momento de aflorar minha emoção.
Reencontrar – me ... reencontrar-te...
Ainda de olhos fechados., lembrando de ter passado minhas mãos levemente em seu ombro e uma energia corria em meu corpo. Fazendo me aguçar o meu desejo de colocar o meu corpo ao seu e sentir o pulsar do seu sangue indicando a velocidade de sua emoção.
Se todos os meus desejos falassem tudo seria revelado a cada encontro sonhado de ter você como doce morena rosa e mostraria quanto és uma grande mulher.
(Arquivo SV 2003)

O grande tema do poema “Morena Mulher” é o desejo. O desejo é retratado no poema como um sentimento universal, não tem status social, como se lê logo no terceiro verso: “Entregue toda ao mundo culto e inculto.”, isso faz do desejo a expressão natural que assemelha o ser humano ao animal que, de fato, ele é. O desejo é o motor da vida, é o pulsar da existência.

Nesse poema, o eu-lírico mostra que o desejo é capaz de levar o ser desejante à loucura, conduzindo-o ao mundo irreal e fantástico da imaginação. O prazer do encontro é a satisfação do desejo e, mais ainda, é no encontro que o eu-lírico se reconhece, o encontro consigo pressupõe o encontro com o ser desejado: “Reencontrar-me... reencontrar-te...”, afirma o eu-lírico.

O eu-lírico homoerótico anunciado acima se revela sutilmente com o desenrolar da composição poética, uma rápida leitura poderia, inclusive, deixar essa informação passar despercebida. Apenas os versos 6 e 15, respectivamente, apresentam marcas deste eu-lírico: “Ah! lembrando que suas mãos estavam nos seus joelhos entre **o meu vestido** na chama” e “você como doce morena rosa e mostraria quanto **és uma grande mulher.**” (grifos nossos). Essa sutileza que determina o gênero do eu-lírico demarca o quanto a universalidade do “desejo” nivela os seres humanos ao mesmo patamar e reafirma a universalidade do sentimento, quebrando estereótipos e paradigmas que são capazes de separar e gerar preconceitos e discriminação.

Considerações gerais

Buscando apresentar algumas considerações finais, mas, ao mesmo tempo, deixando em aberto diversas perspectivas para a reflexão, vale reafirmar que os estudos literários que têm como objeto de pesquisa os textos da literatura surda são raríssimos. Urge que novos olhares se debrucem sobre esse campo de estudo que carece de um olhar mais apurado, direcionado e especializado.

Dito isso, ao apresentar o estudo analítico desses quatro poemas, com o intuito de registrar os aspectos licenciosos nas poesias de escrita feminina de escritoras surdas, é possível verificar que muito ainda tem a ser dito sobre essas produções e, mais ainda, sobre essa temática.

Ly Neves e Shirley Vilhalva demonstram, por meio da literatura, que o exercício da escrita é uma atitude subversiva, é um livrar-se das amarras, é ir à luta. O corpo é sua matéria prima, é a fonte e a força para que as estruturas patriarcalistas sejam afrontadas. Com olhares críticos e lúcidos foram capazes de identificar que as objeções e (pré)conceitos estabelecem-se e vêm de qualquer instância, vindo até mesmo do lado interior.

Por meio da expressão dos sentidos, dos desejos mais íntimos, os sujeitos poéticos demonstraram sua racionalidade, contradizendo qualquer hipótese de que os sentimentos levam a escolhas irracionais e impulsivas.

Em Neves e Shirley Vilhalva, a partir dos poemas aqui analisados, somos capazes de ouvir uma voz silenciada, mas que, no interior de si, pulsa pelo empoderamento reconhecido, e vai a campo defrontar toda e qualquer voz de silenciamento pelas mais diversas tradições culturais.

Referências

- BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista – conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.
- CARVALHO, Luiz Claudio da Costa. **Lendas da Identidade: o conceito de Literatura Surda em perspectiva**. Curitiba: Appris, 2019.
- DESIDÉRIO, Themis Farias de França. **Slam do corpo: marginalidade e diferença – uma literatura menor**. Dissertação de Mestrado. Montes Claros – MG: UNIMONTES, 2020.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota**. 2ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- NEVES, Ly. **Fragmentos Boêmios**. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2016.
- PETERS, Cynthia L. **Deaf American Literature: from carnival to the canon**. EUA: Gallaudet University Press, 2000.
- PETERS, Cynthia L. **Deaf Literature: from carnival to the canon**. Washington: Gallaudet University Press, 2002.
- ROMÃO, Luiza. “Dez anos de slam no Brasil: uma conversa com Luiza Romão sobre literatura e feminismo”. [Entrevista concedida a] Mayara Paixão. **Brasil de Fato**, São Paulo, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/dez-anos-de-slam-no-brasil-uma-conversa-com-luiza-romao-sobre-literatura-e-feminismo/>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- ROMEU, Daniel Lopes. “Minha história: minha vida”. In: ZIESMANN, Cleusa Inês. PERLIN, Gladis. Shirley Vilhalva. LEPKE, Sonize (Orgs.). **Famílias sem Libras: até quando?** Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

RAJAGOPALAN, Knavillil. "Linguagem e Identidade". In: **Por uma linguística crítica – Linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SOARES, Angélica. "Vozes femininas da liberação do erotismo (Momentos selecionados na poesia brasileira)". In: **Revista Via Atlântica**. N. 4. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2000.

SOUSA, Marcio Jean F. Vilhalva, Shirley. "Entrevista com a escritora surda Shirley Vilhalva". In: **Revista Araticum**. v. 21 n. 01 (2020): Literatura Surda e Outras Literaturas Marginais / Entrevista. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2743> Acesso em: out./2020.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4ª ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.
Vilhalva, Shirley. **Despertar do Silêncio**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2004.

Submetido: 11/11/2020

Aceito: 10/10/2021